

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Baptista, Telmo Mourinho

**Revista Psicologia da Criança e do Adolescente :
número temático : família : comunicação e
intervenção**

<http://hdl.handle.net/11067/5007>

<https://doi.org/10.34628/a83m-0137>

Metadados

Data de Publicação	2015
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] RPCA, v. 06, n. 2 (Julho-Dezembro 2015)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-27T10:21:35Z com
informação proveniente do Repositório

REVISTA PSICOLOGIA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
JOURNAL OF CHILD AND ADOLESCENT PSYCHOLOGY

NÚMERO TEMÁTICO: FAMÍLIA: COMUNICAÇÃO E INTERVENÇÃO

Prefácio

As mudanças económicas, sociais, políticas e culturais do último século trouxeram para o século XXI novos desafios para as pessoas e para as famílias. Mudanças na forma como trabalhamos, na forma como comunicamos ou apenas trocamos informações superficiais sobre nós próprios, concomitantes com uma aceleração do ritmo de vida das sociedades ocidentalizadas criaram novas e desafiantes condições completamente inexistentes na geração anterior. A emergência de novas profissões, a obsolescência de outras, bem como os novos nichos de intervenção, potencializados pela difusão via internet e pela extensão dos públicos receptores da mensagem ou do produto que hoje sai do bairro para todo o mundo, projectam uma nova paisagem desafiante mas também ameaçadora.

É neste tempo voraz que um dos pilares das sociedades humanas - a família - se organiza, procura dar respostas às necessidades internas e externas, se desorganiza e se recompõe, para emergir sob novas formas, mantendo-se unida pelos afectos (nem sempre positivos, mas que mesmo assim unem), e respondendo a uma necessidade importante do ser humano: amar e ser amado.

Não podemos falar hoje de uma única tipologia de família, dado que surgiram e se afirmaram diversas configurações de família, ainda que não revestidas dos papéis mais tradicionais. Ou talvez estejamos apenas perante a explicitação e afirmação pública de dinâmicas já existentes, anteriormente submersas sob os preconceitos da época. Certo é que o século XX é um século de tomada de consciência e de afirmação dos direitos dos menos privilegiados, num processo ainda muito incompleto, e que se verifica sobretudo nas sociedades ocidentais ou que adotaram formas de vida características das sociedades ocidentais. É com esta nova realidade que temos de contar, sabendo que se trata de “um alvo em movimento” e, por isso, de difícil estudo para os investigadores. De qualquer

modo, esta dificuldade que é condição própria do estudo não nos deve desanimar, e devemos procurar reunir o maior número de trabalhos relevantes que nos ajudem tanto nas tarefas de conhecimento como de intervenção.

Cabendo à intervenção psicológica um importante papel no alívio da condição humana, na diminuição do sofrimento e na promoção do potencial das pessoas, só se poderão desenhar com segurança novas formas de intervenção se tivermos conhecimento referenciado às condições actuais. Por isso é tão importante que nos dediquemos a esse estudo, nas suas múltiplas facetas, como se pode observar pelos trabalhos publicados no presente número da revista.

Um dos aspectos mais fulcrais para o funcionamento de uma família é o estabelecimento de uma boa comunicação, elemento-chave para que esta se desenvolva de uma forma equilibrada e capaz de dar conta dos diversos desafios que enfrenta, como os da educação, do trabalho, da relação, do envelhecimento, e tantos outros.

Por isso, um número temático que se dedica à ligação entre a comunicação e a intervenção tendo por base a família não poderia ser mais actual, antecipando muitas das questões que se começam a colocar. Ainda mais quando vivemos numa sociedade da comunicação, onde parece que nos servimos dos diversos meios de comunicar para criarmos novas formas de isolamento ou alheamento. Paradoxo máximo, que a comunicação afaste em vez de aproximar.

Claro que a velocidade das mudanças nos impõe uma adaptação rápida e forçada, sem que ainda se saiba quais são os nossos limites naturais. No entanto, as taxas de doenças físicas, de perturbações mentais e de alterações no meio que hoje conhecemos apontam para uma necessidade de estar atento, e de acompanhar de perto as transformações, percebendo o seu impacto e quais as consequências para o ser humano e para as sociedades.

De qualquer modo, é fácil ceder a uma visão catastrofista, com o argumento típico que idealiza as gerações anteriores, como se no Eldorado imaginado da nossa juventude ou infância se encontrasse a chave para a existência. As pessoas e as sociedades evoluem, e procuram ajustar-se aos desafios que se tornaram mais complexos. Alguém disse que para os problemas complexos existe sempre uma resposta simples... e errada. Reconhecer que a complexidade existe e procurar compreendê-la sem a simplificar a modelos restritivos é a tarefa que nos deve animar. Por isso, e ainda que para o estudo precisemos de fragmentar o seu objecto para o tornar realizável - muitas vezes por constrangimentos de tempo, orçamento ou pessoais - importa abordar as diversas questões e produzir resultados que possam ser utilizados na elaboração de modelos globais. Essa teorização é tão mais fundamental quanto no universo de publicação se assiste a um pulverização dos estudos, em revistas hiperespecializadas, e que constituem nichos de publicação dos quais não se recupera a informação útil para uma visão de conjunto.

Por isso é de saudar o empenho, o gosto pelo estudo, a diversidade das temáticas, e a vontade de disseminação numa publicação, expondo-se ao olhar e

crítica da comunidade científica, e fazendo com isso avançar o conhecimento sobre estas novas temáticas. Que este trabalho seja feito numa revista portuguesa, por autores portugueses, é um benefício adicional para todos nós. Porque, ainda que a psicologia descubra processos básicos de funcionamento, também se dedica ao que é local, à pessoa considerada individualmente e na sua fenomenologia, às dinâmicas de cada família e de cada comunidade, à transformação de uma sociedade particular.

Saber unir estes processos, do local para o global, do particular para o geral, da prática individual para uma teoria é tarefa que ainda sobra e necessita de ser mais trabalhada. Assim se avança e contribui, no respeito por uma das missões mais nobres da psicologia, o alívio do sofrimento sob as suas mais diversas formas.

Telmo Mourinho Baptista

Bastonário

Ordem dos Psicólogos Portugueses